

Filosofia e cinema como modos de desvelamento do sistema eu-outro-mundo

Adriano Melo Medeiros
Escola Normal Superior de Paris
amigodesophia@gmail.com

Este artigo apresenta o resultado de um estudo sobre a concepção merleau-pontyana que propõe a filosofia como saber cinematográfico e o cinema como arte filosófica, além de estabelecer que ambos são meios para desvelar o sistema eu-outro-mundo. Para a execução dessa investigação, foi realizada uma pesquisa bibliográfica dos textos: *O cinema e a nova psicologia* e *Fenomenologia da percepção*. Em seguida, foi feita uma comparação dos dados levantados com o filme *Uma mente brilhante*. Dessa análise constatou-se que o ponto de vista defendido por Merleau-Ponty depende diretamente da premissa que o ser-no-mundo habita o mundo a partir do sistema eu-outro-mundo. Conseqüentemente, tanto a filosofia quanto o cinema funcionam como modos de desvelamento desse sistema, se e somente se, esse sistema é de fato o solo no qual brotam os EUs.

Palavras-chave: filosofia, cinema, fenomenologia, alteridade, ser-no-mundo.

Na conclusão do texto *O cinema e a nova psicologia*, Merleau-Ponty estabelece uma complexa relação entre filosofia e cinema. De um lado, ele afirma que os temas da filosofia contemporânea – “descrever a mistura da consciência com o mundo, seu engajamento em um corpo, sua coexistência com os outros”¹ – são assuntos cinematográficos por excelência. De outro, ele acredita não ser surpreendente que “a crítica possa, a propósito de um filme, evocar a filosofia”, pois o cinema “está particularmente apto a fazer aparecer a união do espírito e do corpo, do espírito e do mundo e a expressão de um no outro”². Assim, entre filosofia e cinema, além de uma unidade temática, haveria também uma correlação de procedimentos. Ademais, considerando que o filósofo e o cineasta “têm em comum uma certa maneira de ser, um certo ponto de vista sobre o mundo que é o da criação”³, conclui-se que tanto a filosofia quanto o cinema também são meios para “apreender o sentido do mundo ou da história em seu estado nascente”⁴.

¹ MERLEAU-PONTY, 1966, p. 75.

² Ibid, p. 74.

³ Ibid, p. 75.

⁴ Na *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty coloca a fenomenologia, a literatura e a pintura como saberes que apreendem o sentido do mundo. Uma relação que acreditamos poder ser estendida à filosofia e ao cinema. “Se a fenomenologia era um movimento antes ser uma doutrina ou um sistema, não era nem por acaso nem impostura. Ela é laboriosa como a obra de Balzac, de Proust, de Valéry ou de Cézanne, – pelo mesmo tipo de atenção e espanto, pela mesma exigência de consciência, pela mesma vontade de apreender o significado do mundo ou da história em seu estado nascente” (Merleau-Ponty, 1945, p. XVI).

Como todo texto filosófico digno deste nome, é impossível concluí-lo e não ficar com uma pulga atrás da orelha. Nesse contexto, o significado e o alcance da relação que Merleau-Ponty estabelece é particularmente intrigante. Para alcançar uma possível solução é necessário dar um passo atrás e apreender o sentido geral do seu projeto filosófico.

Na *Fenomenologia da Percepção*, em uma nota de rodapé, ele afirma que sua pesquisa pode ser compreendida como desdobramento de uma curta frase escrita por Pierre Guillaume na obra *Tratado de Psicologia*: “O olho leva em conta a iluminação”⁵. Esse desenvolvimento parte da seguinte problematização: se o olho é apenas um órgão material, “como poderia ele levar em conta alguma coisa?”⁶. Ao que responde o filósofo responde:

Ele só pode fazer isso se nós introduzirmos, ao lado do corpo objetivo, o corpo fenomenal, se fazermos deste um corpo cognoscente e se, enfim, substituirmos, como sujeito da percepção, a consciência pela existência, quer dizer, pelo ser-no-mundo através de um corpo.⁷

Merleau-Ponty introduz assim a noção de corpo fenomenal no escopo de suas pesquisas. Nesse contexto, sua primeira intenção filosófica, a de encontrar uma nova forma de “compreender as relações da consciência e da natureza”⁸, cuja análise passa inicialmente pelo comportamento, continua através de um exame da percepção; ou melhor, através do olho como órgão do corpo fenomenal e este como veículo do ser-no-mundo.

Para empreender essa investigação, Merleau-Ponty reafirma sua ligação com a Gestalt. Segundo seu depoimento, a psicologia da forma abriu seus olhos para “as tensões que cruzam como linhas de força o campo visual e o próprio sistema corpo próprio mundo”⁹. No entanto, ele afirma que esta ciência, apesar do pioneirismo, não realiza de modo satisfatório a tarefa de explicar tais tensões. Assim, para alcançar este fim, ele se volta para a fenomenologia. Desta, ele adota o seguinte ponto de partida:

O primeiro ato filosófico seria, portanto, o de retornar ao mundo vivido aquém do mundo objetivo, pois é nele que poderemos compreender tanto o direito como os limites do mundo objetivo, de restituir à coisa sua fisionomia concreta, aos organismos sua maneira própria de tratar o mundo, à subjetividade sua inerência histórica, de redescobrir os fenômenos, a camada de experiência viva através da qual os outros e as coisas nos são dados pela primeira vez, **o sistema “Eu-Outro-as coisas”**, no estado nascente, de despertar a percepção e frustrar o ardil pelo qual ele se deixa esquecer como fato e como percepção em benefício do objeto que nos entrega e da tradição racional que funda”.¹⁰

⁵ GUILLAUME apud MERLEAU-PONTY, 1945, p. 357.

⁶ MERLEAU-PONTY, 1945, p. 357.

⁷ Ibid, p. 357.

⁸ Nosso objetivo é compreender a relação entre consciência e natureza - orgânica, psicológica ou mesmo social. Por natureza, queremos dizer aqui uma multiplicidade de eventos externos uns aos outros e ligados por relações causais. (MERLEAU-PONTY, 1967, p. 1)

⁹ MERLEAU-PONTY, 1945, p. 60.

¹⁰ Ibid, p. 69. Destaque nosso.

O grande objetivo da fenomenologia, “voltar às coisas mesmas”, seria precedido por uma etapa sem a qual esse retorno não seria possível. É preciso “voltar ao mundo vivido” para enxergar a fisionomia das coisas. Nesse processo, um momento fundamental para a compreensão da relação da consciência com a natureza se desvela: o instante no qual os outros e as coisas nos são dados. Anterior à toda e qualquer reflexão, o aparecimento do sistema formado pelas ligações do eu com os outros e as coisas revela as bases sobre as quais se assentam o pensamento em geral; e em especial o filosófico e o científico. Assim, apesar de sua ligação com a fenomenologia, vemos que Merleau-Ponty busca uma perspectiva própria.

Nessa mesma direção, ele opera também uma mudança no significado de intencionalidade¹¹, transferindo-a da consciência para o corpo. Para entender o sentido dessa transformação sem cair em uma armadilha, devemos entender o corpo “na perspectiva não dualista de Merleau-Ponty: o corpo vivo não é uma instância separada da consciência, mas toda a nossa existência¹²”. Parafraseando Cícero¹³, podemos dizer que Merleau-Ponty traz a intencionalidade da consciência para a percepção. A intencionalidade aparece como consciência de algo¹⁴ por se situar em um campo mais originário, o de existência. É através da percepção, como percepção de algo¹⁵, que a consciência pode ser compreendida como “consciência de”.

Entrelaçando de modo original Fenomenologia e Gestalt, Merleau-Ponty constrói um referencial próprio, com o qual ele busca uma solução para o enigma do olho. Reunindo-se as introduções da primeira e da segunda partes da Fenomenologia da Percepção, que possuem “uma perspectiva sintética”¹⁶, é possível ter um quadro geral da pesquisa realizada pelo filósofo. Este resumo torna-se ainda mais completo se a ele juntarmos a conclusão do capítulo *A temporalidade*, pois este também possui a mesma característica de síntese.

A investigação Merleau-Pontyana parte do princípio que “os objetos formam um sistema onde um não pode se mostrar sem esconder os outros”¹⁷. Em paralelo, é definido que para se ter contato com este sistema é necessário estar nele inseridos. Em consequência destes postulados, o modo como a visão capta os objetos aparece como modelo para a compreensão dos fenômenos:

¹¹ “A intencionalidade, em Merleau-Ponty, é tomada desde o início em uma intenção pessoal que lhe confere uma deformação mais sutil que chamaremos de movimento de torção” (SAINT AUBERT, 2005, p. 137).

¹² SAINT AUBERT, 2005, p. 137.

¹³ “Sócrates trouxe a filosofia do céu para a terra” (CICÉRON, Tusculanes, V, 4, 10 ; Académiques, post. 1, 4, 15).

¹⁴ “[...] a consciência só é consciência de algo deixando seu rastro para trás, e onde, para pensar em um objeto, deve-se contar com um *mundo do pensamento* previamente construído” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 159. Destacado no original).

¹⁵ “[...] Toda percepção é percepção de algo” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 84). “Eu mergulho nas profundezas do mundo por meio da experiência perceptiva” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 236).

¹⁶ “Incisivos, particularmente trabalhados, essas duas introduções provavelmente foram redigidas tardiamente (1944), em uma perspectiva sintética que também tem valor de conclusão” (SAINT AUBERT, 2005, 195).

¹⁷ MERLEAU-PONTY, 1945, p. 82.

Ver é entrar em um universo de seres que se mostram, e eles não se mostrariam se não pudessem estar escondidos uns atrás dos outros ou atrás de mim. Em outros termos: olhar um objeto é vir habitá-lo e daí apreender todas as coisas segundo a face que elas voltam para ele.¹⁸

Nós não estamos diante das coisas ou diante de um mundo, estamos alojados neles. Os objetos, com os quais convivemos em perpétua comunhão, se situam em uma rede que eles próprios formam. Eles não se encontram lado a lado, eles existem num horizonte onde cada um é, ao mesmo tempo, figura e fundo de todos os outros. Nesse contexto, a visão é possível não só porque há uma organização da retina, dos bastonetes e do cérebro, ou seja, do corpo físico, mas também porque as coisas existem na “estrutura objeto-horizonte”¹⁹.

Acima deste sistema existe um outro, para o qual o corpo próprio é o coração. Nosso corpo – não o corpo fisiológico, mas aquele que experimentamos, isto é, o corpo fenomenal – “anima e nutre internamente” o mundo e “mantém continuamente vivo o espetáculo visível”²⁰. Dessa forma, descrever o sistema corpo próprio-mundo, no intuito de encontrar a maneira como os componentes do sistema se situam um em relação ao outro e um interagem um com o outro, constitui etapa essencial para o desvelamento do enigma do olho que leva em conta as coisas.

A descrição fenomenológica desse segundo sistema culmina em uma análise do tempo. Merleau-Ponty considera que este exame torna a problemática do ser no mundo mais clara e consistente, pois “é através das relações do tempo sujeito e do tempo objeto que podemos compreender as do sujeito e do mundo”²¹. Além disso, o desvelamento do tempo mostra que não há nenhuma função corporal “que seja rigorosamente independente das estruturas da existência e, reciprocamente, nem um único *ato espiritual* que não se baseie em uma infraestrutura corporal”²². Pode-se dizer então que tudo é corpo e mente ao mesmo tempo.

Todavia, para chegar nesta última figura teórica, a da subjetividade como temporalidade, o filósofo passa antes pela questão da percepção dos outros. Tendo postulado que “o mundo é acessível apenas para aqueles que nele estão localizados”²³ e que “não há mundo sem uma Existência que carregue sua estrutura”²⁴, ele acrescenta a estes postulados o fato do ser que habita o mundo não se encontrar sozinho. Nesse contexto, é preciso superar “a impossibilidade conceitual de um outro para si para mim”²⁵ para que a análise do tempo possa apresentar “a espessura do presente pré-objetivo,

¹⁸ Ibid, p. 82.

¹⁹ Ibid, p. 82.

²⁰ Ibid, p. 235.

²¹ MERLEAU-PONTY, 1945, p. 492.

²² Ibid, p. 493. Destacado no original.

²³ Ibid, p. 492.

²⁴ Ibid, p. 494.

²⁵ Ibid, p. 494.

onde encontramos nossa corporeidade, nossa sociabilidade, a preexistência do mundo [...] e ao mesmo tempo o fundamento da nossa liberdade”²⁶.

Em suma, enquanto a análise do sistema corpo próprio-mundo revela a inerência da consciência a seu corpo e a seu mundo, a investigação sobre o tempo oferece uma solução para o problema da relação consciência-natureza. No entanto, para alcançar a totalidade da extensão dessas questões, deve-se considerar que nosso corpo e o dos outros formam “um único todo”, que eles são “o verso e o reverso de um único fenômeno”; de onde ele conclui que “a existência anônima, da qual meu corpo é a cada momento o traço, habita agora esses dois corpos ao mesmo tempo”²⁷. Dessa forma, a chave para abrir as portas destas investigações encontra-se na janela da lama, ou melhor, no olhar do outro. Nesse sentido, é no vai-e-vem da consciência entre seu corpo e o corpo dos outros, no novo sistema que eles formam, que se aloja o segredo do habitar um corpo e da relação consciência-natureza.

Para ilustrar a relevância que o sistema Eu-Outro possui no pensamento do filósofo francês, nós nos voltamos para a obra fílmica *Uma mente brilhante*. Além do que, essa aproximação serve também para explicar as relações entre filosofia e cinema que Merleau-Ponty estabelece em seu texto sobre a arte cinematográfica.

Durante 135 minutos, o filme biográfico relata a história de John Forbes Nash Jr no período que compreende o início de seu doutorado na Universidade de Princeton e a cerimônia em que recebeu o Prêmio da Banco da Suécia de Economia em memória de Alfred Nobel; vulgo Prêmio Nobel de Economia. Os primeiros 25 minutos apresentam o ambiente universitário; o matemático, brilhante e “um tanto bizarro”, John Nash; seus colegas universitários e seu companheiro de quarto, Charles Herman. Este se tornará seu melhor amigo. Ainda nesta parte do filme, também é apresentado o ideal que guia professores e alunos. Em um lugar destinado a encontrar o próximo Morse e o próximo Einstein, todos buscam de modo incansável uma ideia inovadora capaz de revolucionar a ciência e a política; além de ajudar os Estados Unidos a derrotar a guerra contra os soviéticos.

É nesse ambiente que acompanhamos o misterioso gênio em sua obsessiva procura por uma ideia verdadeiramente original. Paralelamente, vemos também as dificuldades decorrentes da sua preferência por estar rodeado de conceitos algébricos em vez de ter relações humanas. Inclusive escutamos ele confessar que não gosta muito das pessoas, da mesma forma que elas não gostam dele. Assim, nós o vemos gritando na biblioteca, apesar dos olhares de reprovação; perdendo a cabeça,

²⁶ Ibid, p. 495.

²⁷ Ibid, p. 406.

quando foi derrotado em um jogo de tabuleiro; sendo esbofeteado por uma garota por ter sido “muito direto”; entre outras situações semelhantes.

Curiosamente, Nash busca sua ideia revolucionária no interior do paradigma que propõe a competição como estrutura fundamental de qualquer sociedade. Intrigado com o fato de toda competição ter um vencedor, ele busca encontrar um equilíbrio no qual não haja perdedor. Em complemento, ele procura uma fórmula matemática que traduza esse equilíbrio. Ajudado indiretamente por seus camaradas, em particular seu colega de quarto, ele descobre sua tese em uma crítica dirigida ao pensamento de Adam Smith. De acordo com Nash, o filósofo escocês estava errado ao acreditar que “o melhor resultado é alcançado se cada membro do grupo agir em seu próprio interesse”. Em oposição, Nash sugere que “para obter melhores resultados, os membros do grupo precisam cuidar de si próprios e do grupo”²⁸.

Com esta tese, ele acredita ter descoberto a “dinâmica do universo”; “Governing dynamics” no original em inglês americano. Apesar de seus exageros, esta ideia lhe vale a conclusão de seu doutorado e o primeiro lugar entre os formandos. Com isso, ele conquista o posto de trabalho mais cobiçado na época: Líder de Equipe dos laboratórios Wheeler, no campus do Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Na sequência, a trama passa a relatar os anos em que Nash trabalha no MIT. Cinco anos após sua chegada no famoso instituto, os militares convidaram-no para ir ao Pentágono com o objetivo de decodificar mensagens de rádio provenientes de Moscou. Ele descobre que os russos estavam escondendo longitudes e latitudes, coordenadas correspondentes a lugares nos Estados Unidos. O oficial encarregado da missão agradece e dispensa-o sem lhe dar mais informações, apesar dos insistentes pedidos do professor Nash para saber do que se tratava.

Alguns dias depois, William Parcher, um representante do Departamento de Defesa, apresentou-se ao professor e sugeriu que ele se engajasse em outra missão “Top Secret”: descobrir códigos escondidos em jornais e revistas americanos, usados por uma organização soviética para comunicar-se com agentes baseados nos Estados Unidos. De acordo com Parcher, tratava-se de uma facção do Exército Vermelho que controla uma bomba atômica portátil e quer detoná-la em solo americano. Prontamente, Nash aceita o convite e começa a trabalhar no caso.

Neste mesmo período, ele conhece uma aluna cuja inteligência desperta seu interesse. Apesar de aconselhado por Parcher, para evitar relações familiares ao embarcar em missões ultrassecretas, Nash decidiu casar-se com a jovem Alicia. Tudo parecia estar indo muito bem em sua vida: ele tinha

²⁸ UMA MENTE brilhante, 2001.

um ótimo emprego, estava à serviço de sua pátria e, por fim, estava finalmente casado. Apesar dos riscos de sua missão, ele havia encontrado um gosto pela vida que nunca teve.

No entanto, esta felicidade dura pouco tempo. Certa noite, durante a corriqueira entrega do relatório da investigação, Parcher veio buscar Nash e ordena que ele entre no carro. O agente informa que os russos haviam descoberto o que eles estavam fazendo. Em seguida, acontece uma perseguição. Os perseguidores atiram neles, mas, graças à habilidade de Parcher, eles escapam ilesos.

Depois desse incidente, Nash fica apavorado. Movido pela angústia de ter medo de tudo e pelo fato de sua esposa estar grávida, ele tenta abandonar a missão. O agente informa que se ele deixar a equipe de investigação não terá mais ninguém para cuidar da sua segurança e da sua família. Apesar dos riscos, o melhor a fazer é continuar na equipe. Sem alternativa, Nash permanece. No entanto, essa situação se mostra insuportável e ele se torna cada vez mais paranoico.

Algum tempo depois, durante uma palestra em uma importante convenção de matemática na universidade de Harvard, sem conseguir esconder sua inquietação, Nash percebe a chegada de alguns homens que lhe parecem suspeitos. Quando eles se aproximam, Nash entra em pânico e foge. Uma nova perseguição acontece, sendo que desta vez o professor não consegue escapar. Em seguida, um magistral plot twist desenrola-se. Primeiramente, descobrimos que os tais suspeitos estão acompanhados por um psiquiatra. Depois, nos é revelado que o professor Nash sofre de esquizofrenia, que seu ex-colega de quarto e sua missão no Ministério da Defesa não passam de meras alucinações.

Após o ocorrido, Alicia comparece ao Hospital Psiquiátrico onde o professor se encontra internado. Inicialmente, ela custa a acreditar nas explicações dadas pelo Dr. Rosen. Percebendo a resistência dela, ele esclarece:

No mundo de Nash, esses comportamentos são aceitos e encorajados. Consequentemente, sua doença pôde passar despercebida por muito mais tempo que o habitual. [...] talvez desde a Universidade. Esta é a época em que suas alucinações parecem ter começado.²⁹

Depois dessa explicação, Dr. Rosen solicita a ajuda dela para mostrar ao professor Nash a diferença entre o que é real e o que está em sua mente. No entanto, antes de se comprometer, Alicia decide ir ao gabinete de marido para se informar melhor sobre o que ele trabalhava.

Ao chegar no MIT, apesar da resistência dos amigos de Nash, ela insiste e entra no escritório. Ao adentrar na sala e ver as paredes cobertas com recortes de revistas, ela pergunta a eles por que eles não lhe contaram nada. Eles respondem que o professor sempre foi um pouco estranho, e naquele caso específico, ele dizia que estava decodificando mensagens ultra secretas, um segredo militar. Em seguida Alicia pergunta se eles realmente acreditavam naquilo. Eles respondem que tudo era possível,

²⁹ UMA MENTE brilhante, 2001.

pois estavam constantemente recebendo orientações que muitas vezes não são explícitas. Depois disso, Alicia decide colaborar com o médico de seu esposo.

Sendo ajudado por sua esposa, Nash aceita sua doença e concorda em fazer um tratamento com choques de insulina e outros medicamentos. Após um ano, as alucinações desaparecem e ele se sente melhor. Apesar dos efeitos colaterais dos remédios, ele tenta voltar a uma vida “normal”: voltar a estudar matemática, a sair de casa sozinho e conversar com as pessoas. Contudo, constrangido pela situação na qual se encontra – em suas próprias palavras: “Eu não podia fazer meu trabalho, nem ajudar com o bebê, nem honrar mais minha esposa”³⁰ – ele para de tomar a medicação. Consequentemente, os delírios reaparecem.

Percebendo o que havia acontecido, Alicia liga para o doutor Rosen. O médico vai até a casa deles e diz ser necessário que Nash tome outros medicamentos e passe por um número maior de choques de insulina. Nash recusa esse tratamento, sustentando que certamente existem outras maneiras para que ele saia daquela situação. Dr. Rosen insiste, afirmando que sem tratamento os delírios podem ganhar o jogo. Nash persiste e recusa ir ao hospital. Ele acredita que conseguirá se recuperar pela força de sua mente, ainda que sua mente seja a causa de seu problema. Ele pede à Alicia que acredite nele e lhe dê algum tempo para tentar outra solução. Apesar dos riscos, ela aceita a proposta e fica com ele.

Em seguida, Nash vai à Universidade de Princeton com a intenção de falar com um de seus colegas que havia se tornado professor. Ao encontra-lo explica:

Alicia e eu achamos que me integrar, fazer parte de uma comunidade pode me fazer bem. Que um certo grau de apego, aos lugares e pessoas familiares podem me ajudar a espantar minhas alucinações.³¹

Então, Nash pede permissão para frequentar o campus e estudar na biblioteca. Após alguma reflexão seu amigo concorda com a proposição. Obviamente que a tarefa não é fácil: encontrar uma maneira de distinguir a realidade das alucinações; aprender a conviver com o delírio; evitar o estresse que provoca as crises; reaprender a conviver com os outros, a coexistir no mundo; tudo sem causar problemas para seu amigo. Nessa empreitada, a primeira e mais importante tarefa era a de encontrar uma maneira de discernir as pessoas que vê pela primeira vez das alucinações.

Nash descobre o meio para superar este impasse no mundo comum, no mundo intersubjetivo. Em duas ocasiões, descobrimos seu método. Certa vez, quando ele estava na biblioteca, um jovem estudante o reconheceu e pede que o professor dê sua opinião sobre uma teoria que estava desenvolvendo. Antes de continuar a conversa, Nash ofereceu ao estudante um sanduíche preparado por Alicia. Uma outra vez, ao termino de uma aula, um senhor cumprimenta Nash. Antes de

³⁰ UMA MENTE brilhante, 2001.

³¹ UMA MENTE brilhante, 2001.

responder, o professor pergunta a uma jovem estudante se ela estava vendo aquele homem. Após uma resposta afirmativa da aluna, Nash se dirigiu ao senhor e se desculpa dizendo que sempre fico atento aos recém-chegados. Como vimos, em tais situações percebe-se a presença de uma pessoa conhecida – seja indiretamente no caso do sanduiche; seja diretamente, no segundo caso – que permite ao professor distinguir as pessoas desconhecidas das alucinações. Além disso, na primeira situação mostra-se ainda aquilo que Merleau-Ponty chama de sistema eu-outro-mundo.

Nash encontra assim sua maneira de habitar o mundo e coexistir com os outros. Após sua recuperação, ele retomou uma vida “normal” e tornou-se professor em Princeton. Algum tempo depois, recebe o Prêmio Nobel, encontrando desta forma o reconhecimento que sempre buscou. Em seu discurso, durante a cerimônia de premiação, ele diz:

Sempre reverenciei os números: nas equações e na lógica, o que leva à razão. Mas depois de uma vida inteira de investigação, ainda não sei o que é a lógica para nós e quem governa a razão. Minha busca me levou ao universo físico e metafísico, à ilusão, e me trouxe de volta. Ali fiz a descoberta mais importante da minha carreira, a descoberta mais importante da minha vida: só nas misteriosas equações do amor se pode encontrar a razão e a lógica. Se estou aqui esta noite, é por sua causa. **Você é minha razão de ser. Você é todas as minhas razões.** Obrigado.³²

Obviamente, Nash se dirige à sua esposa. Mas, uma licença poética e um olhar fenomenológico podem nos conceder uma permissão para ampliar o sentido de suas palavras. O “você”, a pessoa a quem a gente se dirige, o interlocutor, isto é, o Outro, é a razão de ser do Eu. O Outro é a totalidade das razões do Eu. Todo Eu está em permanente relação com os outros Eus. Nesse contexto, não há nenhum Eu que esteja verdadeiramente encerrado em si. Mesmo o pensamento mais íntimo do Eu está repleto da presença do Você. Cada Eu possui uma abertura própria ao Outro e ao mundo, uma janela que se constrói no interior do sistema “Eu-Outro-Mundo”. Mais do que a história de John Nash, o filme *Uma mente brilhante* expressa o fato do solipsismo radical ser uma mera ilusão. Nash e Alicia só compreendem o sentido da alucinação quando a veem como um fenômeno intersubjetivo, quando a interpretam a partir do vivido e do percebido. O professor só aprende a coexistir quando descobre sua maneira de estar aberto aos outros e de viver no mundo; e ele só conhece esta abertura quando se lança na coexistência.

Voltando ao texto sobre o cinema, nele aprendemos que Merleau-Ponty concebe um filme como “um objeto para ser percebido”; como uma “forma temporal” na qual o sentido de uma imagem depende da que lhe precede. Nesse contexto a sucessão de imagens cria “uma nova realidade que não é a simples soma dos elementos utilizados”. Considerando a montagem como elemento

³² UMA MENTE brilhante, 2001. Destaque nosso.

essencial da sétima arte, ele acrescenta que o filme também aparece como “uma forma extremamente complexa no interior da qual as ações e reações [...] se exercem à cada momento”³³.

Tendo escrito seu texto numa época em que o filme falado ainda não havia destronado completamente o mudo, Merleau-Ponty faz uma interessante observação sobre a relação entre som e imagem:

Um filme sonoro não é um filme mudo acrescentado de sons e palavras que apenas seriam destinados a completar a ilusão cinematográfica. A ligação entre som e imagem é muito mais estreita, e a imagem é transformada pela proximidade do som. [...] a união de som e imagem não se faz unicamente em cada personagem, ela se faz em todo o filme. Não é por acaso que em determinado momento os personagens ficam em silêncio e em outro falam. A alternância de palavras e silêncio é organizada para um maior efeito da imagem.³⁴

Em todas estas características elencadas, vemos que o filósofo conceitua o cinema com base em sua concepção que os objetos formam um sistema, bem como na noção de sistema “eu-outro-mundo”. De um lado temos as relações entre as imagens e o entrelaçamento entre imagem e som. Do outro, temos as relações humanas: montagem, ações, reações e voz dos personagens. Nesse contexto, o filme é compreendido como um sistema de coisas e pessoas.

Nessa perspectiva, o que um filme mostra? Segundo o filósofo:

O cinema não nos dá, como o romance fez por muito tempo, os *pensamentos* do homem, ele nos dá sua conduta ou seu comportamento, ele nos oferece diretamente esta maneira especial de ser-no-mundo, de tratar as coisas e os outros, que são visíveis para nós nos gestos, no olhar, na mimica, e que defini com evidencia cada pessoa que nós conhecemos.³⁵

Nesse sentido, ao exhibir o comportamento do professor Nash, o filme nos oferece seu modo particular de ser-no-mundo. Quando ele aprende a ser cauteloso com os recém-chegados, isto é, quando ele percebeu que devia estar sempre em guarda contra sua adesão ingênua ao mundo, seus gestos e olhares tornam visíveis para o espectador este aprendizado. Enquanto objeto para ser percebido, um filme oferece à nossa percepção uma trama, no duplo significado do termo. De lado temos a figura, isto é, o emaranhado de acontecimentos e ações que contam uma história. Do outro temos o fundo, isto é, o entrelaçamento do eu, do outro e do mundo, sem o qual a figura não apareceria.

Nesse contexto, filósofo e cineasta são aqueles que se espantam diante da “inerência do eu ao mundo e do eu ao outro”³⁶ e desejam despertar essa mesma sensação em seus semelhantes. Tanto um quanto o outro não possuem o objetivo explicar o sentido dessa mistura, o que eles buscam é mostra-

³³ MERLEAU-PONTY, 1996, p. 67 e 68.

³⁴ Ibid, p. 70.

³⁵ Ibid, p. 74.

³⁶ MERLEAU-PONTY, 1966, p. 74.

la³⁷. É em consequência disto que a filosofia e o filosofar são cinematográficos, da mesma forma que o cinema seria é a arte filosófica por excelência.

Após esta análise, fica claro que o ponto de vista de Merleau-Ponty depende diretamente da premissa que o ser-no-mundo habita o mundo a partir do sistema eu-outro-mundo. Consequentemente, tanto a filosofia quanto o cinema funcionam como modos de desvelamento desse sistema, se e somente se, esse sistema é de fato o solo no qual brotam os EUs. É precisamente à confirmação dessa tese que o filósofo francês dedicará parte de sua pesquisa posterior à publicação do seu texto sobre o cinema³⁸.

³⁷ Cf. MERLEAU-PONTY, 1966, p. 74 e 75.

³⁸

Referências

- MERLEAU-PONTY, Maurice. **La structure du comportement**. 6e éd., Paris, PUF, 1967.
- _____. **Phénoménologie de la perception**. Paris, Les Éditions Gallimard, 1945.
- _____. **Sens et non-sens**. Paris, Les Éditions Gallimard, 1966.
- SAINT AUBERT, Emmanuel de. **Le scénario cartésien. Recherches sur la formation et la cohérence de l'intention philosophique de Merleau-Ponty**. Paris, Vrin, 2005.
- UMA MENTE brilhante. Direção e produção de Ron Howard. Estados Unidos: DreamWorks Pictures, 2001. 1 DVD (135 min.).